

Influência das orientações recebidas por mulheres em relação à amamentação

Influence of guidelines received by women in relation to breastfeeding

Influencia de las directrices recibidas por las mujeres en relación con la lactancia materna

Lorena Gomes de Abreu Lima¹, Bruna Furtado Sena de Queiroz¹, Jônathas Herry de Lima Santos¹, Terciane Maria Soares¹, Leila Mariane Machado Tôrres Bezerra¹, Nájila Aguiar Freitas Lemos¹, Mara Monize Pinheiro Mendes¹, Naya Thays Tavares de Santana¹, Diana Alves dos Santos¹, Maria de Jesus Lopes Mousinho Neiva¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar quais orientações sobre aleitamento materno as mulheres com filhos de 6 meses a 2 anos de idade, receberam em uma Unidade Básica de Saúde. **Métodos:** Pesquisa de natureza descritiva exploratória, estudo de campo com abordagem qualitativa. Foram entrevistadas 15 mulheres em uma Unidade Básica de Saúde. **Resultados:** As mulheres receberam orientações sobre aleitamento materno de forma eficaz. Entre as dificuldades estão a pega do peito, problemas como fissuras, dores, ingurgitamento. Com relação às facilidades, o público materno recebeu orientações e a vivência de maternidades anteriores. Com relação às experiências vivenciadas pelas mesmas prevaleceram respostas tanto “boas” como “ruins”, pois mesmo estas mães tendo passado por situações difíceis, souberam tirar dessas situações os seus pontos positivos. **Conclusão:** Quanto às dificuldades vivenciadas por estas mulheres, obteve-se respostas da maioria sobre dificuldades com a pega do peito, problemas como fissuras no peito, dores, ingurgitamento, além do fato de noites com repouso insatisfatório durante as primeiras semanas do pós-parto. Com relação às facilidades encontradas, observou-se o fato do público materno ter recebido orientações a respeito da pega correta e a vivência de maternidades anteriores

Palavras-chave: Aleitamento materno, Educação em saúde, Saúde da criança, Saúde da mulher.

ABSTRACT

Objective: To identify which guidelines on breastfeeding women with children from 6 months to 2 years of age received in a Basic Health Unit. **Methods:** Exploratory descriptive research, field study with a qualitative approach. Fifteen women were interviewed in a Basic Health Unit. **Results:** Women received guidance on breastfeeding effectively. Among the difficulties are the attachment of the breast, problems such as fissures, pain, engorgement. Regarding the facilities, the maternal public received guidance and the experience of previous maternity hospitals. Regarding the experiences lived by them, both “good” and “bad” responses prevailed, because even these mothers having gone through difficult situations, they knew how to take their positive points from these situations. **Conclusion:** Regarding the difficulties experienced by these women, most answers were obtained about difficulties with breast latch, problems such as chest fissures, pain, engorgement, in addition to the fact of nights with unsatisfactory rest during the first postpartum weeks. Regarding the facilities found, it was observed that the maternal public received guidance regarding the correct latch and the experience of previous maternity hospitals.

Keywords: Breast feeding, Health education, Child health, Women's health.

RESUMEN

Objetivo: Identificar cuáles son las orientaciones sobre lactancia materna con hijos de 06 meses a 02 años recibidas en una Unidad Básica de Salud. **Métodos:** Investigación descriptiva exploratoria, de campo con enfoque cualitativo. Quince mujeres fueron entrevistadas en una Unidad Básica de Salud. **Resultados:** Las mujeres recibieron orientación sobre la lactancia materna de manera efectiva. Entre las dificultades se

¹ Centro Universitário UniFacid, Teresina - PI.

encuentran la fijación de la mama, problemas como fisuras, dolor, congestión. En cuanto a las instalaciones, el público materno recibió orientación y la experiencia de las maternidades anteriores. En cuanto a las experiencias vividas por ellas, prevalecieron tanto las respuestas “buenas” como las “malas”, pues incluso estas madres habiendo pasado por situaciones difíciles, supieron sacar sus puntos positivos de esas situaciones. **Conclusión:** En cuanto a las dificultades experimentadas por estas mujeres, la mayoría de las respuestas se obtuvieron sobre dificultades en el agarre de los senos, problemas como fisuras torácicas, dolor, congestión, además del hecho de noches con descanso insatisfactorio durante las primeras semanas del posparto. En cuanto a las facilidades encontradas, se observó que el público materno recibió orientaciones sobre el correcto enganche y la experiencia de las maternidades anteriores.

Palabras clave: Lactancia materna, Educación en salud, Salud del niño, Salud de la mujer.

INTRODUÇÃO

Amamentar engloba aspectos que estão além do conceito de apenas nutrir uma criança. É um processo que envolve uma vasta interação entre mãe e filho, que geram efeitos significativos no estado nutricional da criança, no crescimento, na capacidade de se defender de infecções por meio do fortalecimento do sistema imunológico, na fisiologia e no desenvolvimento emocional e cognitivo, além de ser uma estratégia natural de nutrição, afeto, e proteção para a criança, representando um ato econômico e eficaz na intervenção da redução da morbimortalidade infantil, além de ter interferências na saúde física e psíquica da mãe (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). O contato prévio da mãe com a criança, e a estimulação sensorial da mama, ajuda a consolidar o reflexo da sucção e o fortalecimento do vínculo mãe-filho (CARVALHO MJL, et al., 2018; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

As orientações sobre aleitamento materno continuam sendo uma ferramenta indispensável na vida das gestantes, não se restringindo apenas a assistência no pré-natal, mas devem se mostrar presente desde o ambiente hospitalar, pré-parto, parto até o puerpério. É imprescindível que a equipe de saúde conheça o contexto sociocultural e a rotina em que essas mulheres estão inclusas, objetivando esclarecer dúvidas, prestar ajuda em relação a possíveis medos, expectativas e ansiedades, como também, informar e aconselhar a respeito de crenças e mitos relacionados ao aleitamento materno (BRANDÃO EC, et al., 2012).

É válido que a mortalidade de crianças menores de cinco anos no Brasil teve um decréscimo de 80%, passando de 66 para 12,9 para cada mil nascidos vivos entre 1990 e 2014. Um dos principais aspectos responsáveis por essa queda é justamente o aleitamento materno. No Brasil, 41% das mães já mantêm a amamentação exclusiva até os primeiros seis meses de vida da criança, sendo o dobro das taxas registradas nos Estados Unidos, Reino Unido e China (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

A pesquisa teve como objetivo identificar quais orientações sobre aleitamento materno as mulheres com filhos de 6 meses a 2 anos de idade, receberam em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). O interesse a respeito do estudo justifica-se em face, da forte correlação entre a prática exercida durante a realização do estágio extracurricular aos estudos prático-teóricos das disciplinas saúde da mulher e saúde da criança, na qual veio despertar curiosidade em saber de maneira aprofundada sobre o tema.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva exploratória, estudo de campo com abordagem qualitativa. A presente pesquisa obedeceu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional em Saúde (CNS) que define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas, envolvendo seres humanos. Dessa forma, foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Faculdade Integral Diferencial (FACID | WYDEN) sob o número do CAAE 89811118.5.0000.5211. Além disso, contou com aprovação formal da Comissão de Ética da Fundação Municipal de Saúde referente a instituição onde foi desenvolvida a pesquisa bem como a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes da pesquisa.

O estudo envolveu mulheres, usuárias de uma unidade de saúde acompanhadas por Equipe Saúde da Família (ESF). Mulheres com mais de 18 anos, que tinham filhos de 6 meses, até 2 anos de idade. Bem como, mulheres que estavam em acompanhamento regular na UBS em questão, que aceitaram participar da pesquisa e estavam em condições físicas e psicológicas para responder o roteiro de entrevista.

Obteve-se uma amostra de 15 mulheres, onde as primeiras mulheres encontradas nos dias de puericultura da referida unidade e que estiveram no método de inclusão participaram da amostra do estudo. O número total de participantes foi estabelecido pelo critério de saturação dos dados.

A coleta de dados foi realizada no período de julho a novembro de 2018, numa unidade saúde de Teresina. As participantes foram previamente informadas sobre os objetivos da presente pesquisa. Após a assinatura do (TCLE) utilizou-se para a coleta de dados um instrumento de pesquisa em forma de questionário envolvendo perguntas abertas e fechadas. Foi realizada uma entrevista com as participantes, as informações foram gravadas através de um aparelho de dispositivo móvel e posteriormente foram realizadas as transcrições para análise.

Os dados coletados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo na modalidade de análise temática a qual abrange três etapas. A primeira etapa consiste na Pré-Análise, a segunda etapa é a Exploração do Material, e a terceira e última etapa contempla o Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação, os resultados brutos serão submetidos a operações estatísticas simples que permitem colocar em evidencia as informações obtidas. Em seguida serão justificados à luz da literatura (MINAYO MCS, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Orientações recebidas sobre aleitamento materno

Observa-se que as mulheres foram bem orientadas, pois as mesmas ao serem indagadas sobre quais orientações receberam relataram de forma a demonstrar muito conhecimento, acarretando assim na presença do aleitamento materno exclusivo em uma dessas falas.

“O leite materno é o primeiro alimento da criança, é fundamental porque é saudável e é tudo que a criança precisa para viver bem. Não pode dar água, nem chá, nem outra coisa a não ser o leite do peito até os 06 meses de idade e mesmo que a criança tenha dificuldade de pegar no peito a gente tem que insistir. Orientaram como colocar a criança pra mamar” (P1).

“Para dá exclusivamente o peito, ter higiene, sempre está em um lugar confortável e limpo. Falaram sobre a importância da alimentação, que a criança que mama exclusivamente só o leite do peito ela é mais saudável, o crescimento dela é melhor, em tudo né, o desenvolvimento dela é melhor. Eu graças a Deus dei 06 meses só o peito e ela tem 10 meses e mama bastante” (P2).

Percebe-se que a maioria delas relataram saber o tempo certo para o aleitamento materno exclusivo, resultado coerente ao estudo de Rosa JBS e Delgado SE (2017), em Canoas, Rio Grande do Sul, com amostra de 40 binômios mãe-bebê internados em alojamento conjunto de um hospital universitário onde grande parte das mães (95%) entrevistadas tinha o conhecimento de que o aleitamento materno exclusivo deve ser realizado até os 6º mês de vida da criança.

O apoio do profissional, por meio da atenção humanizada, da escuta apropriada, do esclarecimento de possíveis dúvidas, da orientação da técnica correta de amamentação e do suporte no enfrentamento das possíveis dificuldades durante essa etapa, colabora para que a mãe inicie e continue o aleitamento materno de forma positiva, contribuindo para o aumento de seus índices (CARVALHO MJL, et al., 2018).

Facilidades durante a amamentação e a interligação desta com as orientações recebidas

Constata-se que as facilidades mais evidenciadas entre as mães foi a pega correta da criança no peito, o fato de essas mães já terem vivenciado outras maternidades com a prática ativa da amamentação e principalmente as orientações que as mesmas receberam dos profissionais.

“A pegada do peito facilitou bastante, a forma da gente colocar, porque tem mãe que não sabe colocar para amamentar, e ela ensinou pra nós como colocar e posicionar a cabeça, colocar a boquinha certa no bico do peito. Acho que só aprendi porque fui orientada” (P3).

“O fato de ser o meu segundo filho, eu já tinha uma bagagem de conhecimento da experiência do primeiro filho. As orientações foram boas, eu não tive muitas facilidades no primeiro filho e no segundo tive algumas dificuldades também, mas com as orientações vi que eu conseguiria e mesmo com toda dificuldade consegui amamenta-lo até os 6 meses” (P4).

Um estudo de Urbanetto PDG, et al. (2018) de abordagem qualitativa realizado na região Sul do Brasil, mostra resultado parecido a este estudo, em que as depoentes referiram que a boa pega do bebê ao peito é muito importante e quando realizada de forma correta torna o momento da amamentação tranquilo, sem nenhum problema.

O estudo desenvolvido Região Noroeste do Paraná, mostrou resultado contrário a este estudo, pois as depoentes referiram não ter recebido orientações sobre contato e amamentação precoce, e no momento da assistência recebida antes do parto também não foram orientadas. Observa-se falha na assistência e comunicação, sendo este um fator negativo para o estabelecimento da prática do aleitamento materno (ARTIBALE EF e BERCINI LO, 2014).

Em contrapartida, neste estudo 10 das 15 mulheres entrevistadas referiram não ter tido quaisquer dificuldades ao amamentar, resultado este estando de acordo com o estudo de Melo RS, et al. (2017), realizado no Estado do Maranhão, Região Nordeste do Brasil, com uma amostra de 53 mulheres onde observou-se que, mesmo com todas essas dificuldades que podem influenciar de forma negativa na amamentação, 67,9% relataram não ter dificuldade para amamentar, evidenciando o esclarecimento dessas mães sobre o ato de amamentar.

Dificuldades maternas na amamentação

As falas nos mostram que os transtornos se mantiveram presentes nos relatos teve relação direta com os ferimentos nos seios, dores, bem como ingurgitamento mamário. Verifica-se também que há presença de expectativa por parte das mães para com a excelência da prática do aleitamento materno e o fato disso não acontecer muitas vezes faz com o que as mães estejam propensas a sentimento de culpa, tristeza e incapacidade, abrindo lacunas assim, para o aleitamento materno não exclusivo.

“Colocar ele no peito. Eu tive ferimento no peito e foi dolorido. Foi um choque pra mim porque a primeira vez que você amamenta você pensa em tudo positivo e quando vem muita dor e ferimento você sofre. Só que ele pegava direito, eu colocava direito no peito, só que ele que não sabia realizar a sucção, tão tal que ele teve que passar por uma terapia de sucção pra aprender a sugar, como ele perdeu muito peso eu mesma tive a iniciativa de dar a formula quando ele tinha 1 mês” (P5).

“Tive muitas complicações, tive ferimento nos seios, empedrou, foi muito difícil, mas consegui” (P4).

“Não tive nenhuma dificuldade” (P6).

Segundo Rocha GP, et al. (2018), em um estudo qualitativo realizado em Minas Gerais no município de Viçosa, constatou resultado semelhante a este estudo quando evidenciou-se o tema dor, mostrando episódios de ingurgitamento e dor no peito causada por lesões na mama, sobretudo no início do processo da amamentação. Conjuntamente, mostrou também dificuldades com o manejo da amamentação.

Estudo realizado no Norte de Minas Gerais em três hospitais com título de “Hospital Amigo da Criança” com mães de neonatos permitiu identificar condições indicativas de dificuldades iniciais com a técnica, entrando em destaque a pega inadequada (25,0%), resposta ao contato com a mama (26,1%) e problemas com a mama (28,3%) (BARBOSA GEF, et al., 2017).

Contudo, observa-se também que a mãe primípara pode ter dificuldades maiores que as mães multíparas, justamente por ser a primeira experiência. Segundo Castelli CTR, et al. (2014), quando relacionado às queixas da amamentação foi constatado que as mulheres primíparas relataram ter mais dificuldades que as mulheres que já tinham pelo menos um filho anterior.

Experiências vivenciadas no período pós-parto em relação à amamentação e o impacto das orientações recebidas no quesito contribuição para a vida como mãe

Na primeira fala, percebeu-se que as participantes expressaram sensações físicas desconfortáveis. Entretanto, mostra que há uma busca para adaptar-se à nova rotina de aprendizado e desenvolver estratégias para minimizar o desconforto e superar obstáculos durante a amamentação.

“Foram experiências boas e ruins porque teve momento que eu pensei em tirar a mama por causa da dor e do ferimento, mas não fiz isso. As noites não foram bem tranquilas, foi questão de 15 dias a 01 mês isso, depois ficou tranquilo” (P7).

“As orientações me tornaram uma mãe muito melhor, porque como eu doe leite eu me senti muito importante, porque se fosse eu que estivesse necessitando de leite pro meu filho eu iria querer muito encontrar alguém que me ajudasse. Foi uma experiência maravilhosa” (P8).

“Eu supri as minhas próprias expectativas para ser uma boa mãe, pois eu não fraquejei na primeira dificuldade. Cumpri com minha obrigação. Conheço mulheres que tinham leite, mas não davam de mamar para seus filhos e eu não iria deixar de dar o meu leite pra dar um leite comprado que poderia dar até diarreia nele” (P9).

Esta complexa experiência que oscila entre desconfortos e a satisfação da maternidade provocada pela prática aleitamento materno indica que apesar das dificuldades a experiência de forma positiva prevaleceu, onde pode ser relacionado ao fato da prioridade do bem estar e saúde da criança.

A experiência da prática da amamentação é um conhecimento acumulativo para a mulher enquanto mãe e essas experiências dependendo do que elas significarem, podem ser vistas como critérios para a tomada de decisão de uma mulher sobre a mesma querer amamentar ou não (BENEDETT A, FERRAZ L e SILVA IA, 2018).

Bennett AE e KearneyJM (2018), identificaram três fatores que se prestam a uma boa experiência em relação à amamentação, onde o sofrimento materno é menos provável de ocorrer, são eles: uma intenção pré-natal em amamentar, forte apoio social e alta resiliência materna.

Percebe-se através da quarta fala que saber e conseguir amamentar são motivos de felicidade e superação para essas mulheres. Outro ponto importante, abordado na terceira fala que comprova que as orientações foram importantes é que uma delas se prontificou a doar leite materno. Acredita-se que as orientações foram essenciais nesse processo, pois é preciso uma gama de informações sobre como proceder em um caso como este.

Orientação sobre os benefícios do aleitamento materno para a criança e para a mãe x Compreensão da importância da amamentação

Verifica-se através das falas um resultado satisfatório, onde a maioria das mulheres receberam orientações e o achado mais importante foi que essas orientações não foram limitadas somente à criança, englobaram também os benefícios para as próprias mulheres, implicando assim na motivação das mesmas para a realização da amamentação.

“É o primeiro alimento pra criança e isso é importante pra saúde dele porque trás nutrientes e ajuda na vida saudável porque aumenta a imunidade. Para mim diminui a chance de outra gravidez, o útero volta mais rápido pro lugar, perda de peso, menor chance de ter um câncer e adoecer” (P4).

“Para ela é que ela seria mais esperta, não ia pegar viroses, os dentes nasceriam saudáveis. Pra mim fortalece o vínculo entre eu e ela, o amor, previne o câncer do colo de útero, quanto mais eu dava de mamar mais eu criava leite, e não engorda muito” (P8).

Estudo realizado por Oliveira AKP, et al. (2017), no âmbito da Saúde da Família, no município de Petrolina-PB, explicitou resultado diferente ao da presente pesquisa, pois as orientações dos profissionais com relação à amamentação durante o pré-natal foram bastante escassas. Resultado este preocupante quanto a assistência prestada.

No estudo de Ferreira HLOC, et al. (2018), em uma pesquisa realizada em uma maternidade escola pública da cidade de Fortaleza - CE, verificou que a frequência do aleitamento materno exclusivo é maior nos primeiros meses de vida, decrescendo de 39,2% em crianças no primeiro mês para 19,8% no segundo mês, 17,3% no terceiro mês, 8,6% no quarto mês, 7,6% no quinto mês, 6,5% no sexto mês e 1,1% após o sexto mês.

Deste modo podemos averiguar que embora os resultados da presente pesquisa sejam favoráveis, existe ainda a necessidade de se expandir ainda mais as orientações quanto a promoção do aleitamento materno, e principalmente no quesito dos benefícios da amamentação para as mães, visto que em outras regiões do Brasil as falhas ainda são persistentes.

Partindo deste princípio, neste presente estudo foi possível identificar também a compreensão dessas mulheres sobre a importância da amamentação. Verificado através das seguintes falas:

“Sim, porque ajuda no vínculo da mãe com o filho e a criança fica mais forte e não fica doente com frequência” (P 10).

“Sim, porque é através da amamentação que eu vou poder criar meu filho de forma saudável e até na condição financeira faz diferença” (P11).

As respostas das depoentes foram apresentadas de maneira uniforme quando perguntadas sobre a importância da amamentação. Podemos perceber que a maioria delas interliga a amamentação à vida saudável da criança. É perceptível também que não só a saúde da criança entrou em questão, mas outros fatores também, como por exemplo, o fator econômico.

Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Alves VH, et al. (2016), com abordagem qualitativa realizado em Niterói, Rio de Janeiro e na cidade de Santa Maria-RS, onde afirmou que para o recém-nascido e a nutriz, a amamentação é um valor vital porque contribui para a vida de ambos. Deste modo, a amamentação guarda em si um saber vivenciado no cotidiano da mulher-nutriz.

O papel dos profissionais no repasse das orientações sobre amamentação

No presente estudo, 1 das 15 mulheres entrevistadas referiu ser orientada por médico e acadêmicos, 3 delas por enfermeiros, médicos e nutricionistas. 7 delas por médico e enfermeiro, e 4 delas exclusivamente por enfermeiros, todas elas durante o pré-natal e puerpério. O que releva que a maioria das orientações foram repassadas por enfermeiros.

“Enfermeira” (P12).

“Médico e acadêmicos nas reuniões, ensinaram como praticar a pega. Composição do leite que é a água né, o colostro e depois gordura” (P13).

Sabe-se que o profissional da atenção básica é considerado um agente facilitador de práticas de saúde na vida das gestantes, puérperas e sua coletividade. O mesmo tem o dever de orientar a fim de promover a

saúde e o bem estar do bebê e da mãe. As orientações devem estar presentes no planejamento familiar, continuando no pré-natal e no puerpério até a fase de aleitamento materno exclusivo na puericultura (ARAÚJO JP, et al., 2013).

Resultado semelhante a esta pesquisa foi conferido no estudo de Barbieri MC, et al. (2015), realizado com gestantes em três Unidades Básicas de Saúde, em Maringá-PR, evidenciando que a maior parte das orientações realizadas no pré-natal foi realizada por enfermeiros. Enfermeiros em 50,0% dos casos, 38,4% por médicos, 7,7% por acadêmicos de enfermagem. Na maternidade (87,6%) das orientações foi feita por enfermeiros.

Explorando ainda esse processo de orientação, pode-se perceber a satisfação das mulheres ao apoio recebido pelos profissionais, como vê-se nas falas abaixo:

“Satisfeita! Porque toda vez que a gente tem uma dúvida, quando tá com o peito cheio demais, é só ir lá no postinho elas atendem, ensinam a massagear, tudo que é para o bem da criança a gente aprende aqui” (P2).

“Com certeza, fui muito bem atendida graças a Deus não tenho nada a reclamar. E meu plano era dar o peito só até os 2 meses e depois das orientações foi que eu decidi dar até os 6 meses” (P1).

É comprovada através destas falas a satisfação do público materno com relação ao apoio e orientações por parte dos profissionais da presente Unidade Básica de Saúde, o que nos leva a crer em um resultado satisfatório. Fazendo um paralelo com as orientações recebidas e a implicação disto no aleitamento materno exclusivo, a presente pesquisa apresenta também um resultado benéfico, pois das 15 mulheres entrevistadas 11 delas garantiram o aleitamento materno exclusivo até os 06 meses de vida da criança e a algumas delas prolongaram até 1 a 2 anos.

Uchoa JL, et al. (2017), em seu estudo quantitativo, realizado em Unidades Básicas de Saúde de Pacatuba-Ceará, com 50 mulheres corrobora com o presente estudo, quando diz haver um aumento na autoeficácia para amamentar tanto no pré-natal quanto no pós-parto. Essa confiança pessoal é essencial para a continuidade da amamentação, pois se o indivíduo tiver incentivo e dominar as práticas da amamentação, as expectativas de eficácia serão as principais determinantes das suas escolhas.

CONCLUSÃO

Quanto às dificuldades vivenciadas por estas mulheres, obteve-se respostas da maioria sobre dificuldades com a pega do peito, problemas como fissuras no peito, dores, ingurgitamento, além do fato de noites com repouso insatisfatório durante as primeiras semanas do pós-parto. Com relação às facilidades encontradas, o fato do público materno ter recebido orientações a respeito da pega correta e a vivência de maternidades anteriores. Com relação às experiências vivenciadas pelas mesmas prevaleceram respostas tanto “boas” como “ruins”, pois mesmo estas mães tendo passado por situações dificultosas, souberam tirar dessas situações pontos positivos sendo relacionados com o prazer de ver o filho sendo amamentado, a realização por parte da mãe em constatar que conseguiu executar a prática do aleitamento materno, o vínculo entre mãe e filho, a responsabilidade de se comprometer a dar o melhor alimento para o filho vinculada a preocupação com a saúde.

REFERÊNCIAS

1. ALVES VH, et al. Manejo clínico da amamentação: Valoração axiológica sob a ótica da mulher-nutriz. Escola Anna Nery, 2016; 20(4): 01-07.
2. ARAÚJO JP, et al. Desmame precoce e suas causas: experiência na atenção básica de Campina Grande-PB. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, 2013; 11(2): 146-155.
3. ARTIBALE EF, BERCINI LO. O contato e a amamentação precoces: significados e vivências. Texto Contexto Enferm, 2014; 23(1): 109-17.

4. BARBIERI MC, et al. Aleitamento materno: orientações recebidas no pré-natal, parto e puerpério. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, 2015; 36(1): 17-24.
5. BARBOSA GEF, et al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. *Rev Paul Pediatr*, 2017; 35(3): 265-272.
6. BENEDETT A, et al. Breastfeeding: a search for comfort. *Rev Fund Care Online*, 2018; 10(2): 458-464.
7. BENNETT AE, KEARNEY JM. Factors associated with maternal wellbeing at four months post-partum in Ireland. *Nutrients*, 2018; 10(5): 609.
8. BRANDÃO EC, et al. Caracterização da comunicação no aconselhamento em amamentação. *Rev. Eletr. Enf*, 2012; 14(2): 355-65.
9. CARVALHO MJLN, et al. Primeira visita domiciliar puerperal: uma estratégia protetora do aleitamento materno. *Rev Paul Pediatr*, 2018; 36(1): 66-73.
10. CASTELLI CTR, et al. Identificação das dúvidas e dificuldades de gestantes e puérperas em relação ao aleitamento materno. *Rev. CEFAC*, 2014; 16(4): 1178-1186.
11. FERREIRA HLOC, et al. Fatores Associados à Adesão ao Aleitamento Materno Exclusivo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2018; 23(3): 683-690.
12. MELO RS, et al. Práticas de aleitamento materno exclusivo entre profissionais de saúde de um hospital amigo da criança. *Cogitare Enferm*, 2017; 22(4): 01-10.
13. MINAYO MCS. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006; 406 p.
14. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: Aleitamento materno e alimentação complementar, Cadernos de Atenção Básica; n.23. Brasília - DF: Brasil, 2015. 184 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 01 de junho de 2019.
15. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. 265 p. Brasília - DF: Brasil, 2019. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf . Acesso em: 01 de abril de 2022.
16. OLIVEIRA AKP, et al. Práticas e crenças populares associadas ao desmame precoce. *Av Enferm. Colombia*, 2017; 35(3): 303-312.
17. ROCHA GP, et al. Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. *Cad. Saúde Pública*, 2018; 34(6): 01-13.
18. ROSA JBS, DELGADO SE. Conhecimento de puérperas sobre amamentação e introdução alimentar. *Rev Bras Promoç Saúde*, 2017; 30(4): 1-9.
19. UCHOA JL, et al. Associação entre a autoeficácia no ciclo gravídico puerperal e o tipo de aleitamento materno. *Aquichan*, 2017; 17(1): 84-92.
20. URBANETTO PDG, et al. Facilidades e dificuldades encontradas pelas puérperas para amamentar. *Rev Fund Care Online*, 2018; 10(2): 399-405.